

OCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 84
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega	
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	5120	21 DE ABRIL 1881
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-8-	
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-6-	-6-	
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-	

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — A Imperatriz da Russia, G. L. — O Barão de Japurá, R. — D. Juan Valera, G. L. — As nossas gravuras — João Veiga — Marcos Portugal, CARLOS LOBO — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Miguel Angelo em Santo Thyrsos, ALBERTO BRAGA. — A iluminação a Gaz e os Bicos Intensivos — Publicações.

GRAVURAS. — A Imperatriz da Russia — O Imperador Alexandre II horas depois da sua morte — Barão de Japurá, ministro plenipotenciario do Brazil na corte de Portugal — D. Juan Valera, novo ministro plenipotenciario de Hespanha na corte de Portugal — Terremoto de Ischia. A igreja do Porgatorio depois da catastrophe em Casamicciola — João Veiga — A iluminação a Gaz e os Bicos Intensivos fig. 1 e 2 — Enigma.

muito talento, se atreveu a sair à rua, por este tempo, com a sua *Lyra intima*, que tem tido uma venda extraordinaria, com se se tratasse eu sei lá, de galochas de borracha por exemplo.

— A semana santa foi toda molhada, á excepção da quinta-feira, que o sol teve a curiosidade de apparecer lá em cima a espreitar quem andava a visitar as igrejas.

Andava pouca gente, e o sol retirou-se logo desgostoso. A semana santa em Lisboa passou a ser um pretexto de passeio ao campo. D'antes era elegante, do bom tom, visitar os templos e os confeitores. As ruas n'estes dias estavam apinhadas de gente, e entrar n'uma igreja era muito mais difficil do que entrar na

Academia. A moda veio acabar com isto, começou pela mocidade, livre pensadora, que achou *chic* ir n'estes dias jogar para o Victor, em vez de comer amendoas no Baltresqui e ouvir sermões em Santa Justa, e acabou pelo povo, que em vez de aproveitar a enfiada de dias santos para visitar as igrejas e vêr procissões, os aproveita em correr as hortas e em visitar a famigerada Perna de Pau.

Na quarta-feira de trevas á noite, na occasião em que as matracas estouravam nas igrejas ao apagar da ultima vela do gallo, os *char-a-bancs* e as carruagens carregadas de gente fugiam pelas portas da cidade, e por isso na quinta-feira se andava muito á vontade pelas

ruas, e se entrava na Encarnação e em S. Domingos sem se ficar esmagado á porta. E se o tempo inspirasse mais confiança, menos gente haveria. Assim, com as nuvens a chorarem abundantemente, como se estivessem a ouvir os sermões de lagrimas do sr. Conceição Vieira, houve muito quem preferisse a porta da Havanza aos Seteaes, e o Castellar á Lawrence.

As procissões fizeram-se quasi que sem espectadores e sem actores. Poucos irmãos com capa, poucas senhoras pelas janellas, poucos basbaques pelas ruas.

Ainda assim, sempre houve quem representasse o espirito Lisboaeta, e os bons ditos tradicionaes que sempre são inspirados pelo Pendão disseram-se, ouvimos-os no Chiado, no Domingo de Ramos.

S. P. Q. R.

Senhor, o povo quer republica, dizia um.

— São propostas que regeito, dizia outro.

E por fim houve um terceiro que teve o espirito originalissimo de lhe dar esta interpretação perfectamente nova e graciosissima:

Salada, Pão, Queijo e Rabanos. — Depois d'isto comprehendem bem que não assistimos ao resto da procissão, viemos para casa rir com o bom dito para não darmos escandalo na rua.

— As novidades theatraes d'estes dez dias são escassissimas. O theatro de D. Maria deu duas comedias novas em beneficio da actriz Maria Adelaide, uma actriz intel-



A IMPERATRIZ DA RUSSIA — PRINCEZA DAGMAR DA DINAMARCA
(Segundo uma photographia de Levitzki)

CHRONICA OCCIDENTAL

Se ainda estivessem compostos os primeiros periodos da nossa ultima chronica, poderiamos empregar-os aqui perfectamente, sem que elles perdessem nada da sua actualidade.

O abril continúa com as *aguas mil*, que lhe deu o rifão antigo, e que elle torna sobre nós com uma prodigalidade que faz corar o sr. Pinto Coelho, mesmo depois do Alviella.

Á ultima hora, porém, a primavera que nos vae molhando, apresentou um supplemento de trovoadas que, apesar do que diz o sr. Gomes Leal, faz muito mais bulha lá em cima que o sr. Magalhães Lima a orar, cá por baixo.

Um inverno tenebroso, noites escuras como breu, dias escuros como noites, e todas essas escuridões cortadas amiudo pelo clarão faiscante dos relampagos, e acompanhadas da solfa da trovoadas e do estribilho, constante e monotono, das rijas bategas d'agua caindo sobre as ruas enxarcadas e luzidias.

Os poetas lyricos viram-se obrigados a fechar a lyra na gaveta e a abrir o chapéo de chuva, e apenas o sr. Joaquim d'Araujo, um poeta de

ligente e modesta, que esteve em tempo no Gymnasio, e que regressou ha pouco do Brazil. As duas comedias—uma d'ellas é *reprise*—não são positivamente obras primas, e sobretudo não nos parecem estar muito no genero que deve ser cultivado no primeiro theatro do nosso paiz.

Nos outros theatros não houve novidade alguma. Não acontecerá assim para a nossa proxima chronica, em que já teremos de occuparnos do novo drama o *Luzo*, do sr. Antonio Ennes, que está em ensaios de apuro e sobe á scena na sexta-feira; e do *Mestre d'Obras*, a peça que o Gymnasio prepara para o beneficio do actor Montedonio.

—Ao passo que acontece isto em Lisboa, Madrid acaba de ter um ruidoso exito theatral com o *Gran Galeoto*, drama em verso do sr. Echegaray.

Temos a peça sobre a nossa meza e não nos parece que em Lisboa, onde se vae representar em breve, lhe esteja reservado o mesmo exito que teve em Madrid. Não quer isto dizer que o *Gran Galeoto* não tenha muito merecimento, quer dizer simplesmente que o nosso meio litterario differe muito do meio litterario hespanhol, e que a nossa litteratura e o nosso gosto são inteiramente diferentes da litteratura e do gosto litterario do visinho reino.

—Partiu para Paris, onde vae estudar pintura historica, o nosso amigo o sr. Columbano Bordallo Pinheiro, irmão do illustre caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro. Columbano tem muito talento, uma individualidade artistica já accentuada, e crêmos que nos virá do estrangeiro um artista completo.

Não tendo sido despachado no ultimo concurso de pensionista do estado no estrangeiro, e não podendo entrar n'outros concursos por ter já passado a idade exigida, o sr. Columbano Bordallo foi para Paris a expensas de algumas pessoas admiradoras do seu talento e protectoras das bellas artes, á frente das quaes figura o nome da sr.^a condessa d'Edla.

Columbano Bordallo é um dos artistas novos em quem Portugal tem direito a fundar as suas mais brilhantes esperanças: crêmos piamente que as realizará.

—Vão adiantados os ensaios para o primeiro concerto da serie de concertos classicos, que a Associação 24 de Junho vae dar no salão da Trindade, sob a direcção do sr. Olivier Metra.

Ha muita curiosidade no publico e nos amadores de boa musica por estes concertos, que se tiverem o exito esplendido que ha dois annos com Barbieri, serão um verdadeiro acontecimento.

Os artistas da Associação 24 de Junho merecem do publico os maiores elogios e os mais rasgados incentivos.

—O julgamento dos nihilistas russos tem causado na Europa tão profunda sensação como o assassinato do czar. Dizia ha tempos um escriptor allemão, que no dia em que rebentasse na Russia a revolução social, o sangrento 93 da França passaria a ser um *idyllio*. As coisas vão-se encaminhando de modo a dar plena razão ao escriptor germanico.

O julgamento dos nihilistas implicados no attentado, é extraordinario, e levanta um pouco o véu que encobre aquella sociedade perfeitamente phantastica na Europa de hoje.

Ha sobre tudo nas sentenças do tribunal russo uma coisa profundamente medonha e tragica, é aquelle addiamento da execução de uma mulher que está gravida, até ao dia em que tiver seu filho. Aquella justiça que espera o unico momento sagrado que ha na vida humana — o momento em que a mulher passa a ser mãe, para exercer a sua vingança, aquelles juizes que dizem a uma creatura: vaes morrer, e o signal da tua morte será o primeiro signal de vida do teu filho, o teu dobre funerario será o primeiro vagido da creança que trazes no teu ventre, são uns juizes e uma justiça perfeitamente inverosimil em pleno seculo desenove, dias depois da Europa inteira ter passado debaixo das janellas d'uma simples casa burgueza para aclamar o velho sublime que escreveu o *Ultimo dia d'um condemnado*.

A Russia está dando um espectáculo estranho, curioso e terrivel a toda a Europa estupefacta como se acordasse em plenos tempos barbaros, e que espera ansiosa o epilogo d'esta tragedia tremenda, o resultado d'essa lucta titanica em que o czarismo e nihilismo se esfaqueam furiosamente, cegamente, como dois americanos irreconciliaveis nos seus originaes quellos.

GERVASIO LOBATO.

A IMPERATRIZ DA RUSSIA

A nova czarina da Russia de quem damos hoje o retrato chama-se Maria Sophia Frederica Dagmar, é filha do rei Christiano IX da Dinamarca e da rainha Luiza Guilhermina Frederica Augusta, princeza de Hesse-Cassel. Nasceu na Dinamarca em 14 de novembro de 1847 e casou em 28 de outubro de 1866, tendo então dezoito annos, com o czarewitch Alexandre, hoje Alexandre III.

Na rapida noticia biographica que fizemos do novo czar da Russia contámos a historia d'esse casamento. A princeza Dagmar era noiva do grão duque Nicolau, o herdeiro da Russia, que morreu tísico em Niza. Antes de morrer o czarewitch legou a seu irmão a sua noiva e o seu throno e foi assim que em 1866 Alexandre casou com a princeza Dagmar, e que em 1881 foi proclamado czar das Russias.

A princeza Dagmar é como já dissemos na biographia de Alexandre III o modelo das esposas, e o anjo bom do novo czar. Irmã da princeza de Galles a nova czarina parece-se muito com ella.—E' elegantissima, d'uma notavel belleza cheia de serenidade, com os seus cabellos castanhos annelados, e os seus olhos azues d'uma doçura penetrante.

Dotada de rara intelligencia, perfeitamente educada, conhece profundamente a politica europea, tendo inspirado a seu marido, que a ama com a paixão d'um namorado, todas as aspirações liberaes e modernas, que lhe grangearam as sympathias europeas.

Diz-se tambem que a pouca sympathia pela Allemanha, que o czarewitch não escondia, era devida á influencia de sua mulher. A princeza Dagmar tem muitas razões para não olhar com bons olhos a Allemanha, desde que em 1866 as tropas prussianas invadiram a Dinamarca e arrancaram á viva força, a seu pae o rei Christiano IX, duas das mais bellas provincias dos seus estados.

A nova czarina tem muitas sympathias em todo o imperio e deu já a seu marido quatro filhos. E vem aqui a proposito rectificar um erro typographico da biographia do czar Alexandre III. O filho primogenito d'esse casamento, hoje o czarewitch não tem como ali se diz 21 annos, mas sim 13 annos pois nasceu em 6 de maio de 1868.

Os outros tres filhos são Jorge Alexandrowitch, nascido em 27 d'abril de 1871, Xenia Alexandrowna, nascida em 25 de março de 1873, e Miguel Alexandrowitch, nascido em 23 de novembro de 1878.

G. L.

O BARÃO DE JAPURÁ

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO BRAZIL
EM LISBOA

Era um diplomatico dos mais distinctos e dos mais antigos do imperio do Brazil e muito estimado em Lisboa onde estava desde 1868, e onde era relacionado com as principaes familias da capital.

O barão de Japurá tinha 72 annos, e chamava-se Miguel Maria Lisboa. Era natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 22 de maio de 1809. Seu pae o conselheiro José Antonio Lisboa, dedicou-o desde muito novo á vida diplomatica. Em 1828, aos 19 annos, foi nomeado addido á legação do Brazil em Londres, sendo d'all a tres annos elevado a secretario da mesma legação. Em 1835 passou a ser encarregado de negocios na corte de Londres, sendo em 1838 transferido em igual categoria para a republica do Chili, em 1842 do Chili para a Venezuela, em 1852 de Venezuela para a Nova Granada e Equador. Em 1856 foi mandado como enviado extraor-

dinario do Brazil ao Peru, e em 1859 aos Estados Unidos onde prestou grandes serviços ao Imperio, até 1866, recebendo elogios do governo e do imperador pela finura e talento com que negociara as questões diplomaticas havidas entre o Imperio e a Republica Americana.

Em 1866 foi transferido como ministro plenipotenciario para Bruxellas, d'onde em 1868 passou para Lisboa.

O barão de Japurá, era graduado na universidade de Edemburgo, e nos seus ocios da diplomacia dedicava-se ás letras, e deixou impressos dois livros, um de versos *Romances historicos*, firmados por um *brazileiro*, um de viagens, *Viagem á Venezuela, Nova Granada e Equador*, e uma memoria sobre a orthographia portugueza, escrita em 1872, que lhe deu entrada na Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O barão de Japurá, era o primeiro barão do seu titulo, que lhe foi conferido em 12 de julho de 1872, conselheiro, veador da casa imperial do Brazil, grão dignitario da ordem da Rosa, grã cruz das ordens de Ernestina de Saxe Coburgo Gotha, de Christo e da Conceição, membro do instituto historico e geographico do Brazil, da sociedade de ethnologia de Nova York, da academia archeologica da Belgica, da academia hespanhola, da sociedade de geographia de Lisboa, etc.

Doente já ha muito tempo da enfermidade a que succumbiu, o barão de Japurá deixou testamento declarando que prescendia das honras fúnebres que competiam ao seu cargo, fazendo outras disposições perfeitamente particulares.

Apesar d'isso, e da sua viuva e filhos cumprirem a sua ultima vontade, o enterro do barão de Japurá foi muito concorrido, e assistiu a elle todo o corpo diplomatico residente em Lisboa, ministerio, e representantes da familia real portugueza.

O corpo do fallecido ministro do Brazil foi embalsamado, e depositado no jazigo d'um amigo, no cemiterio dos Prazeres, d'onde será, em breve, transportado para o Rio de Janeiro, segundo as disposições do fallecido, que determinou que o seu cadaver fosse sepultado ao lado do de seu pae e de sua filha.

R.

D. JUAN VALERA

Novo ministro de Hespanha em Lisboa

Entre os nomes mais brilhantes do mundo litterario hespanhol contemporaneo, d'esse mundo em que fulguram as celebridades de Espronceda, de Breton de los Herberos, do duque de Riva, de Hartzenbuch, de Lopez de Ayala, acha-se inscripto em lugar proeminente o nome de D. Juan Valera, o novo representante que a Hespanha acaba de nos enviar.

Esse nome começou a abrir o caminho que vae dar á celebridade, em 1842, com umas traducções primorosas de Goethe, sob o titulo de *A Fabula de Eufurion*. D'então até hoje, D. Juan Valera nunca mais descançou, e em numerosos artigos importantes publicados em quasi todas as revistas de Hespanha, em traducções, do grego, do latino, do allemão, linguas de que é profundo conhecedor, em poesias muito apreciadas, em romances dos mais notaveis da moderna litteratura hespanhola, e que tem passado as fronteiras e corrido mundo, foi de dia a dia formando os seus creditos, até chegar a ser considerado na sua patria como um dos primeiros litteratos contemporaneos, e na Allemanha, na severa e pensadora Allemanha, como a honra da litteratura hespanhola.

D. Juan Valera, como homem e como romancista era já muito conhecido entre nós. Todos se lembram ainda, os d'esse tempo, do engraçado e elegante, D. Juan Valera, addido á legação hespanhola, frequentador assiduo do Marrare de polimento, companheiro espirituoso e jovial das ceias e dos bailes d'esse tempo, em que tinha o sceptro da moda o faunigerado Marquez de Niza; como romancista, corre todas as mãos um delicioso romance *Pepita Jimenez*, que foi ha annos traduzido pelo sr. Luciano Cordeiro e publicado pela bibliotheca do sr. Candido de Magalhães.

Esse romance, uma verdadeira obra prima, teve as honras rarissimas de ser traduzido em francez e publicado em folhetins n'um dos primeiros jornaes de Paris.

Desejavamos muito dar aqui uma rapida noticia biographica do illustre diplomatico e eminente escriptor que está hoje entre nós, mas o sr. D. Juan Valera tem a singularidade de persistir em guardar a esse respeito o silencio mais obstinado, e em parte alguma podemos encontrar a sua biographia.

A falta d'isso damos a relação já numerosa das suas obras, que mostra o importante trabalho litterario que a Hespanha deve a este seu illustre filho:

Romances: — *Pepita Jimenez*, 1 vol.; *Las ilusiones del Doctor Faustino*, 2 vol.; *Dáfnis y Cloe*, 1 vol.; *Dona Luz*, 1 vol.; *El comendador Mendoza*, 1 vol.

Contos: — *El pajar verde*, 1 vol.; *Gopa*, 1 vol.; *El bermejino prehistórico* o *las salamandras azules*.

Poesias; *Tentativas dramaticas*, 1 vol.; *Estudios criticos*, 1 vol.; *Disertaciones y juicios literarios*; *Fausto*, traducção do allemão e a melhor que existe em Hespanhol.

No prélo: — *As lendas do antigo Oriente*.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE II NO LEITO DA MORTE

O nosso desenho é a reproducção d'uma photographia autentica tirada no dia 14 de março, no palacio d'Inverno. Como se vê o czar recebeu um certo numero de

ferimentos no rosto. A palpebra está ligeiramente rasgada, a face foi ferida em varias partes pelos pedaços de vidro, o queixo tambem foi escoriado, e a fronte contusionada. Entre tanto depois de morto, como se pode ver comparando com o retrato que demos no nosso n.º 82, não ficou nada desfigurado. Traja o uniforme do regimento de Prébrajenski, sem nenhuma condecoração, que lhe foi vestido depois do embalsamamento, o qual começou ás 11 horas da noite de 13 de março e acabou ás 4 da manhã de 14. Sobre o peito está aberto um medalhão, com um retrato de seu filho. Nesta fórma foi o cadaver mettido no caixão e transportado no dia seguinte para a igreja do Palácio, como já dissemos. A trasladação para a cathedra de S. Pedro e S. Paulo realisou-se no dia 18 de março.

O TERREMOTO DE ISCHIA

Ischia, a Anaria dos antigos é uma formosa ilha situada á entrada do golpho de Napoles ao sudoeste do cabo Miseno: Os siracusanos abandonaram-na no anno 474 A. C. por causa das erupções do vulcão Epomeu, erupções de que fallam Estrabão e Plinio. Mais tarde occuparam-na os romanos e alguns opulentos patricios, maravilhados com a admiravel situação da ilha, fizeram construir n'ella sumptuosos palacios, e ainda lá existem as ruínas de um esplendido edificio que pertenceu a Augusto, fundador do imperio romano.

A ilha tem uns nove kilometros de comprimento, sobre cinco de largura, e quasi no centro d'ella, eleva-se o monte Epomeu, vulcão apagado desde 1301. A ilha tem cerca de 25:000 habitantes. A cidade é muito antiga, e no seculo xv Affonso de Aragão mandou construir ali uma fortaleza que dominava a cidade e de que ainda hoje se vêem as ruínas: ao occidente fica Forio, com 6:000 habitantes, Morograno e Pausa, pequenas povoações de pescadores apparecem pela falda da montanha. Ao sudoeste e ao norte, dominando em magnifico panorama o golpho e a bahia de Napoles, até ao cume do Vesúvio ergue-se a formosa cidade de Casamicciola, celebre desde o tempo dos romanos pelas suas agnas thermaes, excellentes contra a gota, o rheumatismo, e as doenças escrophulosas.

A uma e meia da tarde do dia 4 do corrente, sentiu-se na encantadora cidade o primeiro abalo de terra, annunciado momentos antes por um forte ruido subterraneo, como que o de cem carruagens correndo ao mesmo tempo sobre um pavimento lizo: d'alli a hora e meia sentiu-se o segundo mais violento do que o primeiro destruindo muitas casas, e abrindo profundas fendas nos campos, e até em algumas ruas, e matando nas ruínas 65 pessoas, as primeiras victimas d'aquelle cataclismo. Os abalos de terra repetiram-se sempre com mais violencia nos dias 6 e 15, e a cidade de Casamicciola, abandonada já pelos seus infelizes moradores ficou convertida n'um montão de ruínas em que se acham subterradas mais de duzentas pessoas. A praça Majo onde fica a igreja da Magdalena é o sitio da cidade que soffreu menos com a catastrophe. A igreja está quasi intacta.

Outro tanto não aconteceu á igreja do Purgatorio, que damos na nossa gravura, e de que só ficaram de pé alguns bocados das paredes. Mas n'esta igreja ha a notar uma particularidade curiosa: o relógio parou no momento do terremoto e os ponteiros immoveis marcam ainda a hora precisa do medonho cataclismo.

As perdas causadas por esta extraordinaria catastrophe sôbem a cerca de 200 contos.

A Italia abriu immediatamente uma subscrição nacional em favor das victimas, subscrição cujos primeiros nomes, e ao lado de grossas quantias, são os do rei Humberto e da rainha D. Margarida de Saboya.

JOÃO VEIGA

I

Admirava-se o maestro Barbieri, fallando com quem ascreve estas linhas, que Portugal, que dera ao mundo as duas maiores cantoras do seculo XVIII, não tivesse, desde então, produzido notaveis artistas lyricos.

E, todavia, as rasões do facto não me parecem difficeis de encontrar: Em primeiro lugar os cinco milhões de portuguezes, — não tendo nenhum motivo especial para serem mais fecundos que quaesquer cinco milhões de homens de uma outra nação civilisada, — não de apenas produzir, com largos intervallos de descanço, raras individualidades importantes. Em segundo lugar a educação geral do povo não lhe exercita as vozes, nem os instinctos de expressão musical e não pôde, assim, desenvolver, como em Italia por exemplo, as disposições naturaes que por ventura existam.

São raras, com effeito, as boas vozes em Portugal e tem sido rarissimas, melhor direi, nullo, os cantores que chegam a adquirir no mundo uma reputação de primeira ordem.

É por isto que devem ser consideradas como de verdadeiro luto nacional, as linhas que o OCCIDENTE dedica ao Barytono João Veiga, cuja morte recente em Italia representa, para Portugal, a perda d'uma grande reputação de cantor que, pouco a pouco se ia formando, com os elementos que talvez ainda nenhum outro portuguez tem possuido n'este seculo.

II

João Veiga nasceu em Lisboa a 13 de fevereiro de 1843, e morreu a 15 de março d'este anno de 1881.

A familia Veiga soubera crear, na geração a que João pertencia, uma verdadeira atmosfera de arte musical. Desde muito novos todos os irmãos cantavam e tocavam piano, compunham espontaneamente, como se a musica fizesse por tal fórma parte dos seus temperamentos, que lhes fosse meio de expressão tão natural como a palavra.

A grande riqueza da sua familia fez com que João Veiga, durante os primeiros tempos da sua mocidade, não pensasse na arte senão como na satisfação de uma das grandes necessidades do seu espirito.

Seguir a carreira theatral teria sempre, para uma grave familia portugueza, objecções e preconceitos importantes.

Um dia porém o sonho, o ideal, a visão da scena, do publico, dos grandes personagens românticos, dos meios definitivos de expressão que só um grande theatro pôde empregar, das ovações gloriosas, tudo arrastou a vocação, e João Veiga partiu para Italia.

Tambem foi para Italia José Veiga, o Visconde do Arneiro, com o seu distinctissimo talento de compositor, e com obras notaveis já completas, para tentar fazer um nome no meio da enorme concorrência de tantos talentos, de tantas vocações e de tantas obras, que muitas vezes morrem desconhecidas, na lucta nem sempre feliz em que é forçoso combater.

Para João Veiga essa lucta foi grande: Imagine-se com que difficuldade conseguira *percer*, como dizem os francezes, em Italia, um Baritono portuguez!

Ha 16 annos começava elle em Milão. Estudara em Lisboa com Cossoul o pae do maestro Guilherme Cossoul, e, depois, com este ultimo, musica e violoncello que fôra o seu instrumento favorito.

Aprendera canto em Lisboa com o maestro Frondoni e depois em Milão com Corsi, o Baritono Corsi irmão de Achille Corsi um dos tenores das duas ultimas estações lyricas de S. Carlos.

A voz de João Veiga era, pelo timbre, a de um baritono legitimo; nem uma só nota tinha delgada, feminina, como é tão frequente em baritonos que por vezes parecem tenores *manqués*. Da nota mais grave á mais aguda o timbre e o corpo da voz de João Veiga eram de uma notavel egualdade.

E no timbre que uma voz encontra a sua natural classificação e é tambem n'elle que a individualidade, a *personalidade*, se revela e photographa. O timbre pessoal da voz de João Veiga era d'uma belleza extraordinaria: dir-se-hia, ouvindo-o, que um farto veludo de seda vibrava pederosamente produzindo melodias.

Até 1877 o longo trabalho d'uma grande opera fatigava-o um pouco, e, ás vezes, nos ultimos actos, tinha a voz alterada. Mas uma pequena operação que então fez na garganta corrigiu-lhe o defeito e augmentou-lhe consideravelmente a vibração e a *tuta*.

A sua escola, a sua educação, a sua expressão de cantor, eram sobretudo italianas.

Tinha como preocupação permanente a belleza correcta e pura da phrase cantada. A voz era sem duvida para elle um instrumento ao serviço d'uma alma; mas, d'esse instrumento, nem um só recurso de belleza se devia, na sua opinião desprezar. Conhecia, intelligentemente, as condições criticas da escola dramatica franceza, mas não deixava que no canto influíssem nunca preponderantemente. D'aqui derivava talvez o defeito de parecer ás vezes um pouco frio, mas a qualidade notavel da serenidade classica do seu cantar.

Filho legitimo, pelo seu espirito, da Italia, os seus maestros eram principalmente Donizetti e Verdi, as suas operas *Favorita*, *Ernani*, e *Baile de mascarar*.

Alteri Manzochi, que o estimava muito, queria fazer-lhe *crear* (889) o papel de Baritono de uma das suas ultimas operas a *Stella*.

III

Enfim, as ovações succediam-se nos theatros de Italia, em volta do Barytono portuguez, a lucta ia terminar pela victoria, o artista começava a ser, nos seus grandes dotes, indiscutivel.

Na noite de 20 de dezembro de 1879 debutava João Veiga, no theatro Carcano, de Milão, cantando a *Favorita*:

O triumpho foi immenso. N'um camarote a celebre editora Lucca applaudia com enthusiasmo e mandava dizer ao cantor:

— Nunca ouvi a parte do Rei Affonso interpretada e cantada com essa perfeição.

— O velho Ronconi abraçando-o com as lagrimas nos olhos dizia-lhe:

— Non hai cantato la tua parte l'hai minista da grande artista cantante: mi hai fatto revivere in miei vecchi tempi quando si cantava veramente.

Toda a imprensa italiana com o celebre Filippi á frente (*Perseveranza*) o encheu de louvores.

IV

Uma vida inteira tem ás vezes um fim só: Para o tudo se sacrifica.

Apoz anno de lucta, a força do homem é superior aos obstaculos, a *personalidade*, chegou-se finalmente...

Um dia o coração parou e tudo acabou.

Eis a historia de João Veiga.

Nesta ultima estação lyrica a empresa de S. Carlos resolvera trazer a Lisboa o notavel Baritono portuguez.

Uma grave doença do artista inutilisou o projecto.

E João Veiga nunca pôde, como tanto desejava, vir mostrar-nos que Portugal tambem pôde ter hoje grandes artistas que sejam poderosos elementos do seu renascimento moral.

B. R.

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

«Ao 1.º secretario Affonseca Franco deve tambem o Gabinete serviços da maior dedicação e assiduidade. Foi iniciador de alguns melhora-

mentos essenciaes no regimen interno da instituição, e deu constantemente o exemplo da mais severa attenção no desempenho dos deveres de seu cargo,

«Foi no periodo d'esta benemerita directoria que o Gabinete recebeu, por intermedio do conselheiro João José dos Reis, João Martins Cornelio dos Santos, Boaventura Gonçalves Roque, Manuel Salgado Zenha e Joaquim Pinto de Carvalho Ramos, organisadores da companhia de seguros *Confiança*, o valioso auxilio de 10:937\$500 para augmento do fundo para o edificio.

«Em dezembro de 1872 pôde dizer-se que as primicias de 1866 tinham chegado ás naturaes consequencias, e o director Boaventura Gonçalves Roque, a quem o Gabinete é devedor de relevantissimos serviços, podia em seu relatório annunciar que se achavam adquiridos os terrenos necessarios para a construção do edificio. Estes prazos, que tambem continham casas de boa renda, estão collocados á rua da Lampadosa em frente dos theatros mais frequentados, com uma pequena praça em frente, e situados em posição central, que deve equivaler ao eixo sobre que girará a capital do imperio em seu recente desenvolvimento. O fundo para o edificio augmentará em cerca de 30 contos de réis effectivos. A bibliotheca continha 20:371 obras com 44:917 volumes do custo de 91:500\$000, mas com o duplo talvez de valor real. A renda sustentava-se em 9:800\$000, e dava o saldo de 1:700\$000. O numero de socios era de 1:891, e subscriptores 175.

«Estas cifras aridas para os ideologos e imaginosos eram para os homens practicos eloquente segurança do exito da idéa principal. Viam-se associados no elevado proposito prestantes cidadãos de todas as classes, mesmo d'aquellas que dispensavam minima attenção á cultura intellectual; mas, para todos, o Gabinete era a principal fundação da moderna emigração portugueza no Brazil. O edificio devia levantar-se, legando ás novas gerações a memoria da evolução esthetica dos annos das descobertas, da epoca em que o genio arabe se uniu ao normando, ao celta e ao godo, e recebendo o embate da sciencia dos mathematicos hebraicos, produzia em Portugal o brilhante phenomeno civilisador que principia pelo observatorio de Sagres, e termina pela descoberta da quinta parte do globo.

«A casa do Gabinete é tambem o centro para que devem convergir as associações portuguezas de instrucção e cultura litteraria; é o desmentido levantado contra a nota de inferioridade moral, que nações mais avultadas ou mais ruidosas procuram lançar contra a portugueza.

«Em 1871-72 a idéa da fundação do edificio como que se condensára em formulas mais palpaveis, já com a apresentação pelo architecto Bosisio, por intermedio de Miguel Couto dos Santos, dos quadros e plantas do projecto da obra, já pela offerta que o vice-director Miranda Leone apresentava do traçado e desenho de Raphael da Silva e Castro, talentoso engenheiro-architecto de Lisboa.

«Bosisio moldava o seu risco do Gabinete no gosto da renascença italiana, e Raphael de Castro adoptava no seu desenho a architectura *manuelina*, que no edificio dos Jeronymos, em Belem, consubstanciou o que Camões fez na poesia epica, e frei Luiz de Souza na prosa descriptiva.

Tambem n'esse periodo foram dirigidas sollicitações aos altos poderes do reino ácerca da negativa de cessão gratuita das obras de publicação official ao Gabinete.

«Realmente era difficil de admittir que á mais bella instituição da colonia portugueza no Brazil, tão generosa em acudir ás necessidades e projectos civicos da mãe-patria, se negasse o pequeno obolo das publicações officiaes. As promessas foram amplas; mas os factos não têm correspondido ao arrependimento official, que, n'este caso, tem traducção pouco generosa e menos culta.

(Continua)

G. L.



O IMPERADOR ALEXANDRE II HORAS DEPOIS DA SUA MORTE (Segundo uma photographia de Levitzki)

MARCOS PORTUGAL

I

Têve Portugal nos fins do seculo passado um maestro de grande fama e cujas operas eram victoriadas nos theatros de todo o mundo: — em Turim, em Genova, em Franca, em Veneza, em Parma, em Milão, em Bolonha, em Napoles, em Roma, em Verona, em Placencia, em Ferrara, em Breslau, em Dresde, em Vienna, em Londres, em S. Petersburgo, em Lisboa, no Rio de Janeiro, — e ainda até hoje não houve entre nós um musico e um critico que estudasse completamente a sua consideravel obra, e ainda hoje os portuguezes ignoram que um nome portuguez existe na historia da arte, ao lado dos de Fioravanti, Cimarosa, Paisiello.

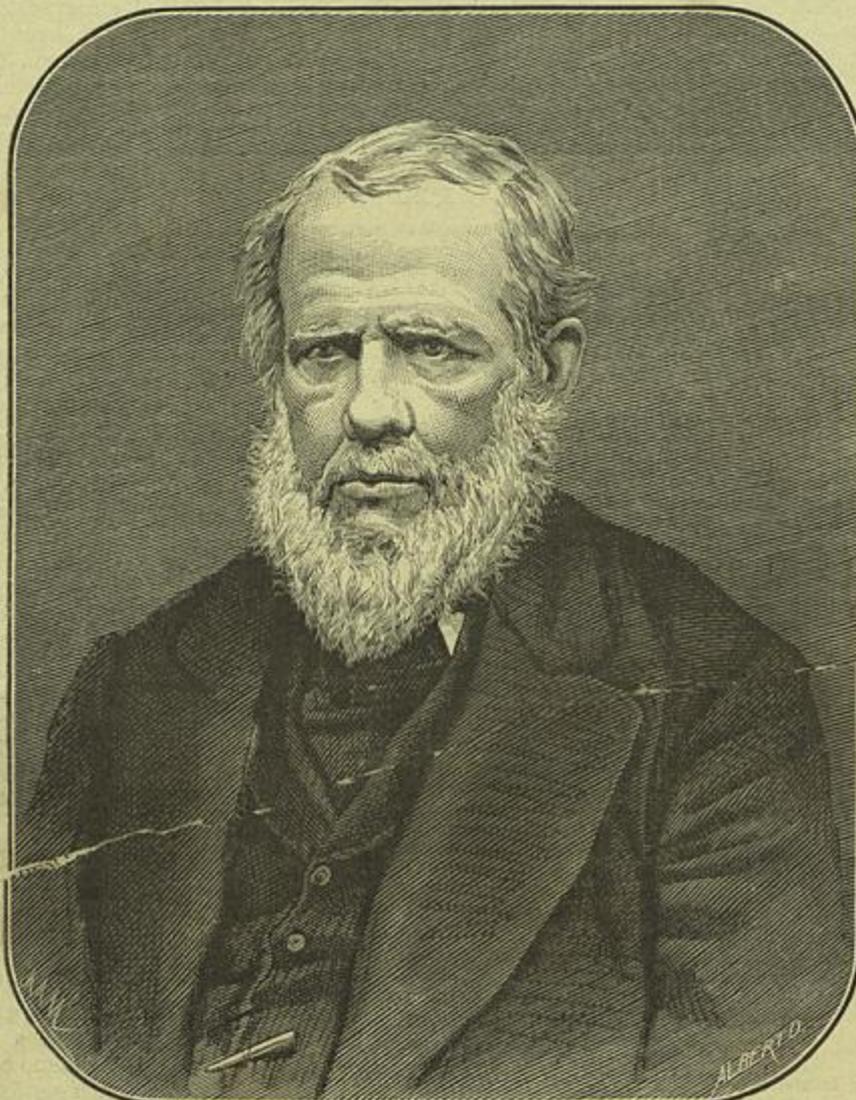
Alguns esforços louvaveis se tem feito para colligir dados historicos sobre a vida de Marcos Portugal e sobre as suas composições.

Os mais importantes devem-se ao sr. Innocencio da Silva, Francisco Benevides, Barão de Santo Angelo, Joaquim José Marques, dr. Guimarães e Joaquim de Vasconcellos, que discute e compara a todos no seu livro *Os musicos portuguezes*.

Mas as obras de Marcos Portugal não foram ainda criticamente avaliadas para que possa bem determinar-se o estylo do mestre, e as influencias que o formaram, o que n'elle possa haver de portuguez e o valor d'essa obra, numerosissima, na historia e no desenvolvimento da *nova arte nacional*.

Quem escreve estas linhas pode apenas percorrer rapidamente a partitura da *Morte de Semiramis*, uma das operas representadas no theatro de S. Carlos de Lisboa, em 1801, (exemplar authographo da Bibliotheca de Lisboa) e algumas das suas missas, (exemplar manuscrito do Conservatorio de Lisboa).

Nenhuma d'estas composições pode ser classificada entre as grandes obras de musica da epoca em que Marcos Portugal escreveu. Mas não basta de certo conhecê-las, mesmo muito profundamente, para poder, por ellas



BARÃO DE JAPURÁ, MINISTRO PLENIPOTENCIARIO
DO BRAZIL NA CÔRTE DE PORTUGAL — Fallecido em Lisboa no dia 8 do corrente
(Segundo uma photographia de Fillon)

apenas, avaliar as numerosas composições do maestro portuguez.

As suas melodias não são, nas obras que deixo mencionadas, d'estas que resistem ao tempo e ás modas, e que nos commovem sempre, como correspondendo sempre á verdade dos grandes sentimentos humanos: são naturaes, por vezes elegantes, e por vezes penetradas de verdadeiro sentimento como, para citar algum trecho, na romanza do soprano do 2.º acto da *Semiramis*,

*Se altro che lagrime
Sparger poss'io,*

e no final do mesmo acto e da opera, cantado por *Arsace* (soprano) e pelos còros.

A escola, a que pertencem estas composições, é inteiramente italiana, sem as exquisitas delicadezas transparentes que, n'esta epoca, sendo principalmente italianas, vão até determinar muito do estylo do proprio Mozart. Muitas das phrases de Marcos Portugal procuram já ter, com effeito, por entre a banalidade das formas usadas, intenção expressiva.

Os *decanos* eram n'essa epoca, em geral, menos pretextos, e as orquestras simples collecções de instrumentos para acompanhar.

E' a este consideravel defeito da intuição lyrica que a grande patria das bellas artes, a Italia, deve o não ter tido, na epoca de Bach e de Beethoven, musica symphonica.

As vozes dos cantores, consideradas tambem como instrumentos que era necessario fazer brilhar nos seus sons mais agradaveis, mais raros, mais difficeis de emissão, e na sua mais desenvolvida gymnastica, eram o motivo capital das composições dos maestros.

Marcos Portugal seguiu a corrente. A *Morte de Semiramis*, tal como existe na partitura que se supõe authographo da Bibliotheca Nacional de Lisboa, explica-se assim pelos dotos da celebre Catalani.

A Catalani era uma cantora de voz extraordinariamente extensa que podia dar com extrema pureza e corpo o *sol agudissimo*. A *tessitura* das arias da *Semiramis* é devida a esta circumstancia: vejam-se por exemplo

as vocalizações escriptas na aria do 1.º acto *Son Regina*.

Nas missas, porém, Marcos Portugal tem um grande estylo, sobrio, sereno, rigoroso, por vezes d'uma angusta serenidade. Ha n'ellas um sentimento talvez muitas vezes mais formal que inspirado, mas sempre d'uma religiosidade que admira n'um auctor de operas lyricas italianas. Nem sempre ahi as suas *fuqas* são, ao que parece, irreprensiveis; mas por vezes a tonalidade e as modulações, sem terem intencionalmente grande movimento e variedade, produzem felizes e sempre proprios effeitos.

Contrasta de certo, como um bom exemplo a seguir, o estylo religioso de Marcos Portugal, com as composições portuguezas que, n'uma epoca posterior, introduziram nas egrejas os modos das mais ruidosas e profanas operas de Italia.

II

Não julgo que haja em Portugal falta de vocações musicas; e, para estas, ha ainda, sufficientemente vivos, os elementos essenciaes de raça e de tradição, sem os quaes, nenhuma grande escola de arte poderá fundar-se no mundo.

Possuimos uma musica popular na qual é facil descobrir, dentro dos caracteres geraes que individualisam a musica da Peninsula hispanica, elementos propriamente portuguezes. Com esta base tudo se pode fazer.

O que porem falta inteiramente em Portugal é educação, instrucção, critica.

A critica d'uma arte é, hoje, em toda a parte, um elemento inseparavel do desenvolvimento artistico. E' a critica que dirige hoje sempre os movimentos, as tendencias, as formações das obras de arte.

Ora a critica musical, como a critica das artes do desenho, está por fundar em Portugal.

Complexos são os elementos que a critica da arte moderna exige: o conhecimento technico dos assumptos e dos meios especiaes de expressão de cada uma das artes é sem duvida necessario; mas são indispensaveis os pontos de vista



D. JUAN VALERA, NOVO MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DE HESPAHIA, NA CORTE DE PORTUGAL.
(Segundo uma photographia de M. Alviach)

da Esthetica, da philosophia da arte, o estudo litterario do que a obra de arte se propõe representar, a analyse do meio physico e social em que ella se produz, e a investigação dos elementos originaes em que o espirito e o caracter de um povo se manifestam.

A critica que, na sua expressão publica, e no campo especial dos seus trabalhos, não é feita pelos compositores ou pelos musicos propriamente ditos, deve porem penetrar, por meio de uma boa instrucção litteraria, os espiritos e assim as obras d'estes ultimos.

Em Portugal tudo n'este sentido está por fazer: não ha critica, nem ha, nos musicos e criticos, cujo talento é ás vezes, hoje sem duvida, distincto, a instrucção litteraria necessaria.

Ha pouco não se conheciam mesmo em Portugal senão as limitadas, e por muitos lados superficiaes manifestações da arte theatral italiana.

Todos os profundos lados da arte allemã eram, em musica, como ainda o são em philosophia e em litteratura, inteiramente ignorados.

Uma revolução começou ha pouco porem, a principio timidamente tentada por duas sociedades de quartettos no Porto e em Lisboa e, emfim, pela benemerita orchestra 24 de Julho sob a direcção do *maestro* hespanhol Barbieri.

A grande arte classica começa a entrar nos usos das nossas audições musicas, até aqui, pela maior parte banaes e inacessiveis.

Falta porem iniciar dois outros trabalhos, sobre os quaes se poderá verdadeiramente fundar, com continuidade logica, a moderna arte portugueza.

Falta o colleccionamento, o estudo e o conhecimento do sentimento, do estylo e dos processos da musica popular, e dos auctores cultos dos seculos XVII, XVIII e XIX.

A reunião das partituras de Marcos Portugal, o seu estudo critico e a escolha de algumas d'entre as mais characteristics para se executarem em *concertos historicos*, seria um grande passo dado na reconstituição da nossa arte.

Marcos Portugal que é, no mun-



TERRAMOTO DA ILHA DE ISCHIA — A EGREJA DO PORGATORIO DEPOIS DA CATASTROPHE EM CASAMICCIOLA

do, o nosso musico mais celebre, é, em Portugal um dos mais desconhecidos.

O trabalho utilissimo que indico, começado com este poderia estender-se aos demais.

CARLOS LOBO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Na sessão da tarde do dia 23 discutiu-se uma comunicação apresentada na sessão de manhã pelo sr. Barão de Baye.

Como se sabe este illustre archeologo, possuidor de uma fortuna consideravel, tem-na empregado, bem como o seu tempo em trabalhos da mais alta importancia archeologica, e de que tem dado conta ao mundo instruido em obras muito notaveis. Citaremos entre outras: *Histoire naturelle de l'homme, époque de la pierre polie, grottes prehistoriques de la Marne & Paris, 1872; Grottes de Baye. Pointes et flèches en silex à tranchant transversal & Paris 1874; Les grottes à sculptures de la vallée du petit Morin (Marne). Tours 1875; L'art étrusque en Champagne & Tours 1875; Memoire sur la nécropole franque d'Oyes, Tours 1876; Sépultures gauloises de Flavigny, 1877; L'archéologie préhistorique, Paris 1880; Comptes rendus des 7.^a e 8.^a sessões do congresso em Stockolmo e Budapest; La trépanation préhistorique, Paris 1876, etc.*

Foi sobre este ultimo assumpto que versára a comunicação do Barão de Baye. Como se viu, o illustre sabio tem já feito estudos e publicado trabalhos relativos á trepanação verificada em alguns craneos prehistoricos, e fez notar ao Congresso, em apoio da sua opinião, o caso de um craneo trepanado, que se encontra na galeria da nossa secção geologica.

Sobre este assumpto moveu-se larga discussão em que tomaram parte os srs. Henri Martin, de Quatrefages e Cartailhac. Que existiu a trepanação não se pôde duvidar, a questão está no fim para que se praticava. Uns vêem, no facto mais um documento comprovativo da anthropologia dos individuos dos tempos prehistoricos, outros porem não admittem esta hypothese.

Mais algumas coisas se passaram n'esta sessão sendo a mais importante a apresentação, pelo sr. Choffat, do relatório da commissão encarregada de dar a sua opinião sobre os resultados do exame feito nos terrenos de Otta, no dia da excursão já referida.

As conclusões da commissão resumem-se em varios pontos que devem ser elucidados por estas quatro questões. 1.^o Ha conchoides de percussão nos silex apresentados na secção e n'aquelles que foram encontrados na excursão?

A commissão foi de parecer que não só os havia nas peças examinadas, mas que até em algumas se reconheciam bastantes; este parecer foi tomado por unanimidade. 2.^o Prova o conchoide de percussão um corte intencional?

Sobre esta questão ha diversas opiniões podendo resumir-se no seguinte: que o sr. Mortillet julga que basta um só conchoide de percussão para provar o corte intencional, ao passo que o sr. Evans pensa que muitos conchoides apresentados pela mesma peça, não bastam para provar a certeza de um corte intencional, mas apenas offerecem uma grande probabilidade d'elle.

3.^o Provêm da superficie ou do interior das camadas os silex encontrados em Otta?

Diversos pareceres são apresentados. O sr. Capellini julga que as peças encontradas na superficie proveem do interior das camadas, donde poderiam ter sido extraídas pela erosão.

Pelo contrario o sr. Cotteau julga-as a todas provenientes da superficie, assentando que as que são encontradas no interior podem ahí ter sido introduzidas pelo fendimento das camadas.

Os srs. Mortillet, Cartailhac e Evans admittem-nas de duas proveniências, umas terciarias, outras paleolíticas ou neolíticas, cuja forma e *patine* lhes permittiria facil distincção.

4.^o Qual é a idade do jazigo dos silex d'Otta. A commissão declarou-se em perfeito accordo, n'este ponto, com as opiniões emitidas pelos geologos portugueses.

Depois da apresentação do relatório levantou-se interessantissima discussão sobre elle.

(Continúa.)

R.

MIGUEL ANGELO DE SANTO THYRSO

Ainda me lembro com saudades da pittoresca estalagem do Silva, na Carriça!

Era uma casa de um só andar, isolada em meio d'uns campos de milho, ao fundo dos quaes havia um pinhal. Tinha á frente tres janellas de peitoril, e por baixo das janellas tres grandes portas, por onde se entrava para a loja. D'um lado da casa via-se um ripado, onde os gallos cantavam ao meio-dia; do outro lado ficavam as estrebarias, tendo ao correr uma verde ramada assente em esteios de granito. Em frente da estalagem, da outra banda

da estrada, havia o alpendre do ferrador; e, mesmo ao pé, uma leira plantada de horta, murada por uma moita de silvas.

Apenas chegava a diligencia, — e chegava ahí pelo meio dia, mais minuto, menos minuto — apparecia logo á porta da casa o estalajadeiro — um homem grosso, vermelho, barba ruiva, pançudo, quasi sempre em mangas de camisa, facha á cinta e cachimbo ao canto da bocca. Era o Silva.

Havia sempre uma animação encantadora, como nas alegres estalagens de Teniers! Dentro do mostrador, andava n'uma roda viva, d'aqui para ali, como um passaro de gaiola, a sobrinha do estalajadeiro. Era o encanto da casa a rapariga! Tinha os cabellos pretos, olhos pretos, labios cõr de cereja, toda ella uma raparigaça frescal, de grandes peitos e muito alegre. Nas mezas era sempre grande algazarra feita pelos almocreves e recoveiros, que ali buscavam abrigo nas horas mais ardentes do dia, abancados ao jogo, com grandes coparções de vinho ao lado!

Apeei-me d'uma vez na Carriça, seguindo do Porto para Braga.

Estava-se em meiado de maio.

As onze horas e meia, quando o sol bate quasi perpendicular, fazia um calor pesado e abafado. Algumas nuvens grossas e pardacentas accumuladas no horizonte acinzentavam o azul do céu, dando-lhe um esbatido da cõr do zinco. De espaço a espaço, rolava ao longe o ruído surdo d'um trovão. Como não corria uma aragem, as folhas do arvoredado permaneciam immoveis como se fossem de metal; e, no meio d'aquella immobilidade lugubre da natureza, que de ordinario é prenuncio de tempestade, uma andorinha, uma fugitiva andorinha cortava d'um vôo rapido o espaço, indo sumir-se muito ao longe, por detraz de uma deveza de sobreiros!

Emquanto mudavam os cavallos da diligencia, vim encostar-me á hobreira da porta. Aproximou-se um dos companheiros da jornada, olhou para o céu, carregou o sobr'olho, e observou:

— Temos trovoadas para Santo Thyrso.

— E tel-a-hemos no caminho? perguntei eu inquieto.

— Põde ser — tornou elle. — Isto agora, meu sr., é tempo. Lá diz o dictado: maio, raio.

O céu ia escurecendo; e uma aragem quente, como a lufada de uma fornalha, encrespava levemente os trigaes e a rama dos pinheiros.

Não se imagina! Em menos de dez minutos estava comnosco um temporal terrivel!

Então, era triste vêr passar os pastores, fugidos á trovoadas, voltando com os rebanhos para os redis; algumas mulheres, tremulas de susto, atravessavam dos atalhos, com as mãos em supplica, murmurando orações a Santa Barbara Virgem! Os homens que passavam no caminho recolhiam-se no alpendre, e ficavam ali como idiotas, mudos, humildes, com o olhar desvaireado, deante d'aquella terrivel espectáculo! Mettia medo!

Foi então que appareceu bruscamente no cabeço do monte, que defrontava com a estalagem, o vulto de um cavalleiro.

Um dos homens que se tinha refugiado, perguntou para o lado:

— Quem será que desce a vereda?

— Pareceu-me vêr a egoa do abade — respondeu-lhe outro.

Uma velha, que estava acocorada a um canto, a rezar as contas, observou:

— Deus me perdõ; mas se é o abade, não está elle muito na graça do Senhor, para se expõr aos castigos do céu!

A egoa vinha chouteando pelo atalho pedregoso, estacando de quando em quando, ao topar uma lagem mais escorregadia. O abade com o guarda-chuva de panninho azul aberto, estimulava a cavalgada, com manifesta ansiedade de chegar á estrada.

Mas, quando vinha junto de um pinheiro manso que ficava no sopé da encosta, fez-se no espaço escuro um rapido clarão vermelho e um ruído metalico, secco, estrepitoso, como de

duas laminas que se chocam, estalou immediatamente.

Aqui foi um cair tudo de joelhos, gritando:

— Jesus! Senhor! Misericordia! Santa Barbara Virgem!

Durou alguns segundos o ribombo que sobreveio á queda do raio. Principiaram a cair algumas gotas grossas e rareadas, e rebentou logo um aguaceiro torrencial.

Pouco tempo depois estava o céu d'uma limpidez cristalina, e o sol, um rejubiloso sol de primavera, illuminava amplamente as encostas e os prados, onde a folhagem verde tremelusia, como se fosse encrustada de diamantes!

Logo que os animos se tranquillizaram, eu lembrei-me de olhar para a collina, onde avistára o abade. O pinheiro estava derribado.

— Que succederia ao abade? — perguntei. Ficaram todos inquietos, e decidiu-se que fossemos em busca d'elle.

Trepámos afesto pelo monte, e junto do pinheiro abatido encontramos o cadaver do abade, prostrado por terra, de costas, com os olhos espantadiços. A egoa estava ao lado, immovel, deslumbrada pelo raio, o pello arrepiado, a resfolegar com oppressão. Tiraram-n'a pela arreata, e o pobre animal foi dando incerto e cambaleante os primeiros passos.

Tres homens mais possantes levantaram do chão o abade, e levaram-n'o de charolla até á estalagem.

Não se faz idéa da impressão que no meu espirito deixou aquelle espectáculo!

Á luz d'um sol radiante, que caía a prumo sobre a montanha, era triste vêr aquelle grupo de gente a acompanhar o cadaver do padre, levado por quatro homens, de ventre para o ar e a cabeça descahida para traz, a oscillar, como uma bala de chumbo!

Na dianteira caminhava vagarosamente aquella velha, toda tranzida de medo, a murmurar orações, com os labios tremulos escondidos nas mãos postas em supplica!

Só passados quinze dias é que voltei á Carriça. Fiquei ali algumas horas, preso pela curiosidade de saber da vida do abade.

Indaguei na estalagem o nome da velha que encontrára no dia da trovoadas. Respondeu-me a sobrinha do estalajadeiro:

— Pelos modos, é a Josefa tecedeira.

Fui-me em procura da tecedeira. Metti por um atalho, que ia dar á estrada de Santo Thyrso, e a pequena distancia — a um tiro de espingarda! — ouvi o bater do tear dentro d'uma casinholla humilde, coberta de telha vã.

Lá estava o mulher que eu procurava. Reconheceu-me apenas entrei, recebeu-me com mimosa cortezia, e offereceu-me logar ao seu lado. Sentei-me na tampa de uma area de castanho, que ficava arrumada á parede, e ouvi-a attentiosamente.

— Olhe — principiou ella — Deus me perdõ, se eu em dizer o que disse, chamei sobre o abade os castigos do Senhor; mas que o homem era um grande peccador, isso ali está o meu afilhado — coitadinho do pobre! — ali está enterrado no adro da igreja, que o pôde attestar, se a sua alma vier penar a este mundo.

A tecedeira contou-me então, por entre copiosas lagrimas, a historia d'uns amores do abade, que causaram grandes desgraças por aquelles sitios.

Quando o padre Matheus foi pastorear aquella freguezia, tinha, entre as confessadas, uma, que era um amor de gentileza aldeã. Era filha da Anna do Bacello. Chamava-se Maria da Piedade a rapariga; e então nas esfolhadas do milho, nas espadelladas do linho, aquelle nome era quasi sempre o mote para as endeixas dos namorados:

Enganou-se o teu padrinho
Em te chamar Piedade...
Se de mim não tens nenhuma
Ainda vou fazer-me frade.

Outro derriçava assim :

O nome de Piedade
Foi engano do baptismo :
Maria sem compaixão,
É como agora te chrismo.

Nada movia o coração da moça. Os rapazes mais azados da terra perdiam sempre quantos galanteios lhe dirigiam, aos domingos, antes e depois da missa, no adro da igreja.

Maria da Piedade tinha um irmão, chamado Antonio. Contava mais tres annos do que ella ; mas ao chegar aos quinze, o rapaz que até ali era robusto, principiou de emmagrecer, a definir, as orelhas despegavam-se-lhe do craneo, e tinha nos olhos o rebrilho da febre. Gostava muito de estar deitado n'um palheiro ; e quando voltava da bouça com a herva para o gado, parava tres vezes no caminho, descansava o molho no chão, e ficava a resfolegar derreitado.

— Tu não serves para a lida, rapaz — diziam-lhe os visinhos, que o encontravam. — Estás um cangalho !

Aconselhou a tecedeira á mãe do rapaz a que o pozesse n'um officio ; e passados alguns mezes foi a Anna do Bacello acompanhar o filho a Braga, onde o deixou a aprender o officio de pintor, na rua da Conega.

Aos vinte annos pintava lindamente as mais bizarras taboletas da cidade. Havia nos *Chãos de Cima* a taboleta da hospedaria da Rozinha, que era a mais notavel ; porque, além da pintura, realçava n'ella uma quadra, obra da mesma phantasia.

O quadro representava simplesmente a cumiada de um monte, quando alvorece o dia. Vinha ao longe repontando a luz do sol, que apparecia com um disco amarello como um ovo frito.

E nada mais de pintura, além d'esta sin-gleza attica, para fazer sobressair a belleza e o conceito philosophico dos seguintes versos :

O sol logo ao nascer
A todos allumiuu :
Aqui n'esta hospedaria
Fazem-se petiscos bons.

Uns arrieiros do Alto Minho, que por ali se albergavam, ao lerem a poesia, exclamaram, tomados de subito enthusiasmo :

— Este rapaz estava talhado para ser abbade.

Era o ideal a que podia attingir no conceito d'aquelles homens os talentos mais peregrinos !

A obra valéu-lhe grande reputação.

O meio em que medrava e vivia principiou a exercer no genio do artista uma influencia extraordinaria ! Voltou-se da simples contemplação da natureza para as grandes concepções do christianismo.

Ao cabo de dois annos pintava caixas d'almas ! Ahi sim ! Em meio das horriveis labaredas do purgatorio, tal qual como o ouvia descripto nos sermões avinhados do padre Martinho, em Santa Cruz, contorciam-se os delinquentes, entre os quaes, para não extremar raças nem gerarchias, apparecia sempre um bispo, um rei e um preto !

O paiz era apertado para tão notavel engenho. Já lh'o tinha dito um dos mezarios do hospital dos Remedios, um dia que elle renovava a pintura das enfermarias.

— Você, seu Joaquim, com o talento que Deus lhe deu, devia ir em o Rio.

— Ó sr. commendador — oppunha elle com sorriso de doce humildade — não esteja agora com isso. Olha então onde ! No Brazil, onde não faltarão pintores . . .

— Como você faltam. Vá, homem, vá. Não dê patadas na fortuna, mestre. Sabe você pintar um S. Benedicto, sabe ?

O artista suspendeu a brocha no ar, e regon-gou concentrado :

— S. Benedicto ! . . . Creio que sim, sr.

— Sabe ; pois não ha de saber ? É um santo como outro qualquer.

— Então se é como outro qualquer, sei, sim, sr. commendador.

— Como outro qualquer, só ser preto. Até, em lhe faltando a tinta, com graxa o póde pintar.

Ouvido isto, o rapaz pensou em ir procurar fortuna fóra do paiz.

Um dia despediu-se da mãe e da irmã, arre-cadou n'uma arca de pinho a roupa e as brochas, dirigiu-se ao Porto, e embarcou para o Brazil.

A Anna do Bacello, assim que lhe disseram que o filho pintava versos em taboletas, pensou, tal qual como Naso ouvindo os versos de Ovidio, que coisa ruim se apossára do filho, e exclamou persignando-se tres vezes :

— Cruzes ! Então o meu rapaz deu n'isso ! . . . Cruzes demonio !

(Continua.)

ALBERTO BRAGA.

A ILLUMINAÇÃO A GAZ E OS BICOS INTENSIVOS

A questão da illuminação preoccupa todos os espiritos, porque as condições da vida moderna tornam cada vez mais necessario o constante emprego da luz.

Disputam o campo o gaz e a electricidade, e não se poderá ainda dizer qual d'elles ganhará a partida.

Com o apparecimento da luz electrica julgou-se que a sua intensidade era demasiada para poder servir na illuminação ordinaria ; hoje ha já quem a julgue um tanto fraca, depois dos meios empregados para lhe conservar uma certa fixidez.

Julga-se hoje que os bicos *intensivos* medios, isto é, focos susceptiveis de fornecer uma potencia luminosa, que varia entre dez e vinte bicos de Carcel, satisfazem completamente ás novas precisões creadas pela luz electrica.

Ao principio, nem o gaz nem a electricidade podiam fornecer estes focos de intensidade media. O gaz apenas era destinado aos pequenos focos, a electricidade ao contrario, convinha desde logo á producção dos focos intensivos, constituindo verdadeiros soesinhos electricos.

As necessidades actuaes encontrando-se entre estes dois extremos, determinaram uns a procurar dividir a luz electrica e multiplicar o numero dos focos sem perda de força, outros pelo contrario, a augmentar a potencia dos bicos de gaz.

Pondo de parte a questão da luz electrica, que deverá ser tratada por occasião da proxima exposição universal de electricidade em Paris, vamos dar uma idéa do novo processo, que tende a melhorar a luz do gaz no sentido referido.

Os primeiros *bicos intensivos*, que funcionaram em Paris, eram formados pela justaposição de seis bicos em *leque*, consumindo cada um 233 litros de gaz por hora, ou um total de 1:400 litros por foco intensivo. Ora consumindo cada bico de gaz das tres series até ali usadas, 100, 140 ou 200 litros, segue-se que a illuminação *aperfeçoada* não constituia nenhum progresso economico.

Assim o bico intensivo consumia effectivamente uma quantidade de gaz *proporcional* á sua potencia luminosa, mas havia apenas n'isto uma multiplicação de potencia, sem *lucro*.

Urgia, pois, desfazer este grande inconveniente, para o gaz poder luctar com a luz electrica, á qual é facilimo produzir focos poderosos. Foi isto o que resolveu o sr. Frederico Siemens, de Dresda, pelo meio indicado nos apparellhos representados nas nossas gravuras de pag. 96 e que passamos a explicar, extractando o que a tal respeito escreveu o sr. E. Hospitalier na *Illustração* franceza de 19 de março ultimo.

E' necessario primeiro assentar o principio de que a potencia luminosa de uma chamma provém de duas causas :

1.º Da massa dos corpos solidos que tem em suspensão e que se tornam incandescentes pela elevação da sua temperatura. E' o carbonio

que compõe na maior parte dos casos os corpos solidos incandescentes de uma chamma ; na luz Drummond é um pedaço de cal elevado a uma alta temperatura.

2.º Da temperatura a que os corpos solidos incandescentes são elevados. Como a potencia luminosa augmenta rapidamente com esta temperatura, é importantissimo, sob o ponto de vista, da *producção da luz*, de a conservar o mais elevada possivel.

A luz, portanto, depende da *temperatura*, e não da *quantidade de calor* produzido na chamma ou no arco voltaico.

E' por isso que um regulador electrico aquece menos que um bico de gaz, apesar de produzir maior quantidade de luz. D'aqui resulta que um bico de gaz poderia dar melhor luz sem despende e sem aquecer mais, podendo-se conservar a chamma n'uma temperatura mais elevada.

Isto é possivel por meios indirectos.

Quaes são as causas do arrefecimento da chamma ?

A primeira é a irradiação, o que é inevitavel, porque se a chamma não irradiasse calor, não irradiaria luz.

A segunda é a chegada do ar e do gaz *frios* que alimentam a chamma, e que roubando ao proprio calor produzido pela combustão o que lhes é necessario para attingirem a temperatura em que elles se combinam, arrefecem a chamma, abaxam-lhe a temperatura, e, por consequente, diminuem a sua potencia luminosa n'uma grande proporção. Ha dois meios para attenuar este resfriamento.

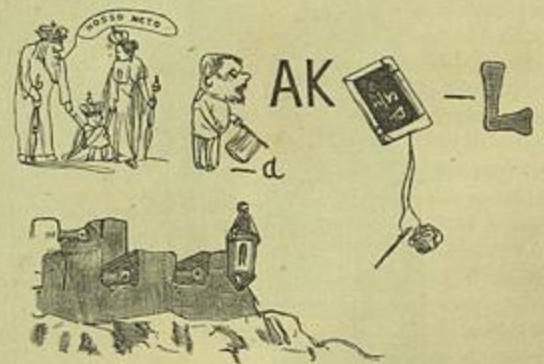
O primeiro consiste em alimentar a chamma com oxygenio puro, para diminuir a massa dos gazes a aquecer, processo ensaiado já em Paris, mas a que se renunciou por causa do preço da fabricação do oxygenio e da dupla canalisação requerida por este systema.

O segundo meio consiste em aquecer os gazes combustivel e comburentes, antes da sua chegada á chamma, o que lhe permite attingir uma temperatura mais elevada, sob o ponto de vista economico, e utilizar para este aquecimento o calor perdido dos productos da combustão.

A realisação d'esta idéa sob uma forma pratica, é representada pela fig. 1, que é um corte longitudinal do bico Siemens.

O gaz da illuminação chega por meio de um tubo a uma camara annular, sobre a qual está disposta em forma de corôa uma serie de tubos de cinco a seis millimetros de diametro, cujo numero varia com a potencia dos bicos, pelos quaes sae o gaz. Na sua saida mistura-se este com o ar, que chega pela parte inferior, depois de ter tocado as paredes das camaras interiores. A combustão effectua-se pois n'este ponto e a chamma que se eleva verticalmente, contrae-se em volta de um cylindro de barro refractario, cuja aresta superior vem debruar pela sua entrada na camara central, que se acha assim elevada a uma alta temperatura. Os productos da combustão dividem-se em duas

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente :

A cavallo dado não se olha o dente

partes: uma sae directamente para a chaminé vertical, collocada por cima do bico, a outra pelo centro do bico e por uma chaminé lateral, que vae juntar-se á principal. Esta circulação de cima para baixo dos productos da combustão, faz aquecer o ar e o gaz que alimentam o bico. A chamma é muito fixa e a incandescencia do cyllindro de barro refractario aumenta ainda esta fixidez.

Era muito desengraçada a forma do bico primitivo, mas a habilidade dos operarios francezes poude, senão desfazer, ao menos attenuar consideravelmente os inconvenientes do systema, sob o ponto de vista decorativo.

A figura 2 representa um candieiro de illuminação, no qual a chaminé lateral, de diametro mais pequeno, já está dissimulada pelo caixilho dos vidros, não fazendo além d'isso sombra nenhuma por causa da superficie da chamma.

Os bicos Siemens permittiram realisar com igual potencia de luz, uma grande economia de gaz, com relação aos bicos anteriormente uzados. Assim o consumo de gaz n'este systema regula para os bicos n.º 1 de 33 a 35 litros por hora, e para os n.º 3 de 40 a 45, quando os correspondentes de Carcel consumiam entre 100 e 116 litros.

A economia resultante d'esta innovação é palpitante.

Vê-se pois que, sem mais nenhum aperfeiçoamento, o bico Siemens é já applicavel á illuminação das praças e largos, e de todos os pontos onde se faz mister uma claridade mais intensa.

É portanto necessario estudar a sua applicação á illuminação dos theatros por duas razões de extrema importancia:

1.º O bico Siemens evacua para o exterior os productos da combustão e absorve o ar na propria salla; pôde pois ventillar uma casa de espectaculos, sem espalhar n'ella, como fazem os bicos ordinarios, o calor e os productos da combustão, que concorrem para tornar o ar irrespiravel.

2.º Com igual potencia de luz, o bico Sie-

Fig. 1



mens consome tres vezes menos gaz que os bicos ordinarios, e por tanto lançará na salla,

pela irradiação, tres vezes menos calor que os bicos ordinarios.

Estas vantagens, que devem ser tomadas em consideração, parece-nos que darão aos bicos intensivos não só esta applicação, como igualmente os farão utilizar na illuminação domestica.

Resta apenas desfarçar-lhes os inconvenientes da sua construcção scientifica por modo tal que possam empregar-se como peças decorativas de effeito. Estamos certos que não se fará esperar este resultado.



JOÃO VEIGA — Fallecido em Milão no dia 15 de Março de 1881
(Segundo uma photographia de J. Plessix)

Da lueta dos partidarios das duas illuminações electrica e por meio do gaz, chegou-se já a este resultado que parece dar a victoria

Fig. 2



á ultima, que partindo de principios oppostos veiu a encontrar-se com aquella no campo das intensidades luminosas medias. Não é porém bom anticipar sobre o resultado final, que será sempre baseado, como deve ser, na economia.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

LA ERMITA DE CASTROMINO, *novela original del distinguido escritor portuguez D. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, traduccion de D. Daniel Carballo*, Madrid, imprenta de Ramon Moreno y Ricardo Rojas, Isabel la católica, 10. — 1880 — 8.º de 404 pag. — É um tributo de apreço pela moderna litteratura portugueza, esta traducção da obra mais considerada do illustre escriptor já fallecido. Tendo saído primeiro na *Epoca* de Madrid em folhetins, foi ultimamente reproduzida em livro, com que seu delicado auctor julgou dever presentear-nos. Sobre o merito da traducção, fidelissima e elegante, já em tempo justissimamente fallou o *Diario Popular* em um artigo que vem transcripto na *advertencia* dos editores. Tinhamos lido o original portuguez, mas agradou-nos muito a bella traducção hespanhola.

MYTHOLOGIA, *especialmente acomodada ao ensino dos estudantes de latinidade, de poetica, de litteratura, de bellas-artes, etc.* — Lisboa, David Corazzi, editor, 1881, 64 pag. — É o terceiro livrinho da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, tendo nós já dado conta dos dois primeiros — *Historia de Portugal e Geographia*. Este terceiro tratadinho não desmerece dos dois primeiros, em disposição, ordem, methodo e clareza. A mythologia grega e romana é um assumpto vastissimo e que demanda largo tratado, não só para se conhecerem as variantes dos diversos factos e personagens, segundo as diversas localidades e auctores, mas para se descriminar o symbolismo adscripto a cada individuo. Reunir pois em pequeno espaço tudo o que ha de mais interessante e importante n'este assumpto, para se poderem estudar os auctores gregos e romanos e ainda os de todo o mundo, que todos tem cavado n'esta mina riquissima, é um bom serviço e, este opusculo satisfaz ao mais necessario n'este ramo.

ARCHIVO DOS AÇORES, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todo so ramos da historia açoriana*, vol. II., Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel (Açores) typ. do Archivo dos Açores 1881. — Estão já publicados os fasciculos 7.º 8.º e 9.º ou 1.º 2.º e 3.º do II vol. d'esta interessante e util publicação, destinada a registrar nas suas paginas tudo quanto seja conveniente e consentaneo á historia d'aquelle importante archipelago. São já notaveis os serviços prestados á historia d'aquella parte da monarchia por esta publicação; alguns pontos historicos tem sido elucidados ou determinados e muita luz se tem introduzido nas trevas dos primeiros tempos da povoação dos Açores. No n.º 9.º a par de outros continuados vem um estudo do sr. Caetano de Andrade relativo a Bento de Goes, o andaz explorador açoriano que desde a India atravessou o Afghanistan, Boukhara etc., até á China de 1602 a 1607, em que terminando a sua aventureira viagem, falleceu n'este ultimo paiz, não sem suspeitas de veneno. São publicações estas que devem estar em todos os gabinetes litterarios.

R. FESTUS AVIENUS, *ORA MARITIMA, estudo d'este poema na parte respectiva á Galliza e Portugal*, por F. Martins Sarmiento. — Porto, typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 62, Cancellaria Velha, 1880. — 4.º de 93 pag. com uma estampa. Tendo sido o poema de Avieno considerado pela maior parte dos criticos como um entretenimento geographico, sem significação nem importancia, tem sido porém nos ultimos tempos avaliado de outra maneira por outros criticos. E seja dito em verdade por tal forma se houveram Müllenhoff, Arbois de Jubainville e outros, que hoje o testemunho dos obscuros versos do poeta parecem levantar-se á altura de um importante e antiquissimo documento geographico. O sr. Martins Sarmiento, com aquelle alto senso critico que o colloca n'um logar muito imminente entre os nossos archeologos, analysando uma a uma as expressões do enigmatico poeta e partindo do principio enunciado por aquellos criticos, de que o poema d'Avieno é a traducção poetica de um antigo periplo phenicio algum tanto transtornado pelo poeta, chega a demarcar todos os pontos das costas da peninsula n'elle referidos, corrigindo aqui, elucidando acolá as confuzas descrições do poeta, apoiando-se para maior força n'aquellas que ainda hoje, segunda a sua expressão, são verdadeiras photographias. E' este um trabalho, conquanto enfadonho e demorado, da mais alta importancia para a geographia da peninsula, talvez no VI seculo antes da era christã.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6